

Especial/Moda

O prazer de criar as roupas que usa desperta a consciência de que vestir-se bem não significa seguir tendências. Vai além, muito além

COSTURANDO A PRÓPRIA HISTÓRIA

Minervino Júnior/CB

POR IARA PEREIRA* E LETÍCIA MOUHAMAD*

Projetar a peça, calcular os ângulos e as medidas, recortar o tecido e passá-lo na máquina. Engana-se quem pensa que a atividade de corte e costura é algo simples e que não exige estudo. Na pandemia, junto a outros trabalhos manuais, teve uma importância enorme, tanto na produção de insumos para proteção, quanto no desenvolvimento de passatempos, que podem, inclusive, estar aliados a terapias.

Cada vez mais o público jovem tem se interessado pela costura e questionado a origem do que veste. Além de fonte de renda para muitas famílias, a prática pode ser uma mão na roda para quem deseja se encontrar em determinado estilo, já que as roupas podem dizer muito sobre a nossa personalidade. Pensando nisso, a *Revista do Correio* conversou com pessoas que têm histórias inspiradoras sobre suas relações com as máquinas e os tecidos.

COSTUREIRA COM ORGULHO

Quando **Priscila Rodrigues**, 31 anos, ganhou a primeira máquina de costura da mãe, aos 19 anos, teve certeza: era isso que desejava fazer o resto da vida, queria ser costureira. A família, entretanto, não via a decisão com bons olhos. Para eles, a jovem enfrentaria dificuldades. Ainda assim, as críticas não a desanimaram, e a graduação em relações internacionais, a qual não se identificava, ficou de lado.

Priscila, porém, não cogitava fazer costuras simples. Queria acabamentos rebuscados, peças diferentes. Com muito estudo, desmanchando e refazendo as próprias vestimentas, desenvolveu seu método de trabalho, que logo chamou a atenção e foi disseminado na internet. Em paralelo, foi aprovada nas Olimpíadas do Conhecimento, do Senai, para dar aulas de costura, e logo surgiu outra paixão: o ensino.

Suas aspirações se materializaram na abertura da escola Vestida de Sonhos (@vestidasdesonhos), em 2018, que, segundo a jovem, apresenta uma nova percepção sobre o ofício, relacionada ao prazer de

criar roupas. “Mesmo antes da pandemia, as alunas que buscavam o curso já tinham profissões consolidadas e procuravam na costura o desenvolvimento de um hobby”, explica Priscila.

Questionada sobre o porquê desse resgate e apreço pelas máquinas e pelos tecidos, a costureira apresenta como hipótese a ideia de que, durante os anos 1970 e 1980, as mulheres ambicionavam se dissociar de tudo que remetesse à vida doméstica, ao que era considerado “feminino” e compulsório. Hoje, diferentemente, essa retomada ocorre aliada ao sentimento de admiração e diversão, inclusive para os homens.

“Costurar, para mim, é muito apaixonante. Traz um grande sentimento de empoderamento. Por meio da costura, eu descobri ser capaz de fazer qualquer coisa. Olhava para as minhas produções e pensava: ‘nossa, eu consegui fazer essa roupa, será que consigo fazer uma instalação elétrica?’. Isso faz eu me arriscar, tentar, mesmo com medo”, confessa, com satisfação. Além disso, o carinho pelas criações ini-